

REVISTA DO FOLK-LORE

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

DIRIGIDA POR JOSE DA SILVA VIEIRA

E COLLABORADA POR TODOS OS FOLK-LORISTAS PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS

N.º 5

VOL. III

BARCELLOS

FOLK-LORE ALENTEJANO

XXII

CANTIGAS DO NATAL (1)

(Continuado do n.º 4 da 2.ª serie)

A Senhora e S. José
Caminham para Belem,
Para nascer no presepe
O Deus menino, nosso bem.

A' meia noite em ponto
Do dia de natal,
Ha-de nascer Deus menino,
Quando o gallo cantar.

Eu hei-de ir para o presepe,
Assentar-me a um cantinho,
Só para ver o Deus menino
Nascer tão pobresinho.

Aqui vos venho cantar
A vinda dos Santos Reis,
E podeis ir preparando

(1) Cf. «El Folk-lore Andaluza», n.º 10, p. 406.

Qualquer cousa que nos deis.

Ougam, senhores, escutem,
E' uma nova d'alegria,
Nasceu o rei da gloria,
Filho da Virgem Maria.

Caminham os tres reis magos,
Da parte do Oriente,
A'dorar o Deus menino.
Deus e pae Omnipotente.

Juntaram-se os tres reis magos,
Todos tres em romaria,
Pr' adorar o Deus menino,
Filho da Virgem Maria.

Caminham os tres reis magos
Para Belem, em silencio,
Off'recer a Deus menino
Mirra, ouro e incenso.

Ao presepe de Belem
O tres reis magos lá vão,
Guiados por uma estrella,
Com a fé no coração.

Ahi vem o tres reis magos,
E todos os tres a chorar,
Precurar o Deus menino,
Não no podem encontrar.

Foram-no encontrar em Roma,
Revestido no altar,

S. João ajud'á missa,
S. Pedro mud'ó missal.

Guiados pela estrella
A Belem os tres magos vão,
A adorarem no presepe
O primo de S. João.

Pela estrella guiados
Os reis magos caminharam,
E ao presepe chegados
O Deus menino adoraram.

O primo de Santa Izabel,
E de S. Zacharias tambem,
Adoraram os tres reis magos,
Na Lapinha de Belem.

S'ã na lapa de Belem
O Deus menino deitado,
Filho da Virgem Maria,
Pelos tres reis adorado.

De Herodes a recommendação
Os reis magos despresafam,
E por caminhos diversos
Ao seu lar se chegaram.

Dirigidas a Belem,
E já pelo caminho,
Caminham a tres Marias,
A'dorar o Deus menino.

Caminham as tres Marias
De noite pelo luar,
Dirigidas a Belem,
Pr'ó Deus menino as salvar.

Vinde vós, ó almas puras,
Viñde a Belem procurar,
O nosso infante divino,
Se vós o quereis amar.

O Deus menino nasceu
Na lapinha de Belem,
Vamos todos reunidos
Dar á virgem o parabem.

No presepe de Belem,
Todos sabem que assim é,
'Stã Jesus o Deus menino,
Que é filho de S. José.

No presepe de Belem,
Nasceu e com alegria,
O bom Jesus menino,
Filho da Virgem Maria.

No presepe de Belem
Quiz nascer o Deus menino,
No tempo de tanto frio,
Despresado e pobresinho.

Vinde já, vinde com pressa,
A' lapinha de Belem,
Vinde ver o Deus menino,
Que nasceu p'ra nosso bem.

Caminhem todos a Belem,
Com respeito e harmonia,
A adorar no presepe
O Filho da Virgem Maria.

Vamos todos a Belem
Adorar o Deus menino,
Que nasceu á meia noite,
Em palhinhas deitado.

Pasteres, vinde a Belem,
Com alegria sem fim,
Adorar a Deus menino
Neto de S. Joaquim.

Pastores do verde prado,
Deitae o gado à verdura,
Vinde a ver o Deus menino
Nos braços da Virgem Pura.

Pastores do verde prado
Correndo, vinde, a Belem,
Dar as graças ao menino,
A' Senhora o parabem.

Pastor do gado branco
Não arranques o rosmaninho,

Peis é onde a Virgem Pura
Estende os cucuruchos.

Vamos, pastores, a Belem,
Vamos todos de caminho,
A adorar na lapinha
O bom Jesus Deus menino.

Vinde, pastores, com gosto,
Vinde todos a Belem,
Visitar o Deus menino,
Que nasceu p'ra nosso bem.

Vinde, pastores, com gosto,
Vinde todos a cavallo,
Visitar o Deus menino
Nascido p'ra nosso regalo.

Pastores vinde a Belem,
Vinde a ver no Deserto,
O Deus menino nascido.
Nas palhinhas do presepe.

Vinde, pastores a Belem,
Que já é chegada a fama,
Já nasceu o Deus menino,
Neto da Senhora Sant'Anna.

Vinde, vereis na lapinha,
Sobre palhas encostado,
Aquelle Deus das alluras,
Por nosso amor hemanado.

Adorando o menino Deus
Estão os pastorinhos,
Com a fé no coração
E nas mãos os cordeirinhos.

O' meu amado menino
O' meu baguinho de passa,
O que vem da vossa mão
Tudo vem cheio de graça.

O' meu menino Jesus,
Escostado ó amadêro,
Eu vos deu a minha alma,
Fazei d'ell'ò travessêro.

O' meu amado menino,
Da tapa do coração,
Dae-me da vossa merenda,
Que a minha mãe não tem pão.

O' meu amado menino,
Belicias d'amor perfeito,
Aqui stá meu coração,
Fazei d'elle o vosso leite.

O' meu amado menino,
Alphatatinho do ceu,
Dae-me um dos vossos retalhos,
Para fazer um manteu.

O' meu amado menino,
O' minha tão bella flôr,
Quizeste ser pequenino,
Sendo tão alto Senhor.

O' meu menino Jesus,
Nascido com pobreza,
Tomae posse da minh'alma,
Minha unica riqueza.

O' men menino Jesus,
Meu menino da minh'alma,
Viestes nascer p'lo frio,
Podendo nascer pela calma.

O' meu menino Jesus
Meu menino, meu amor,
Vieste nascer ao mundo,
Sendo vós do ceu Senhor.

—O' meu menino Jesus
Quem vos deu porque chorar?
—Deu-me minh'ávô Sant'Anna,
Oxalá me deira mais.

O' meu menino Jesus,
Minha giuja garrafal,
Sereis o meu confessor,
Farei confissão geral.

ELYAS.

(Continúa)

Antonio Thomaz Fires.

ETHNOGRAPHIA AÇORIANA

Nenhum dos leitores da primeira serie da *Revista do Minho*, ignora que eu tenciono publicar um livro sobre as tradições e cantos açorianos; a minha longa estada n'uma das ilhas do archipelago, d'onde sou filho, facilitou-me o recolhimento de bastantes materiaes, que aproveitarei na factura d'esse livro, na primeira occasião que se me enseje, porquanto no momento actual imprescendiveis trabalhos levam-me todo o tempo de que posso dispor.

Em 1882, coincidindo com os festejos pombalinos, abriu-se em Ponta Delgada, um pequeno certamen, que se intitoulou *Exposição de artes, sciencias e lettras michaelenses*, devido á inicialiva vigorosa d'alguns rapazes de boa vontade, entre os quaes, não foi o menos esforçado o fallecido naturalista Arruda Furtado.

Do prefacio do catalogo d'essa exposição, que me parece ter saído da sua penna, lêem-se estes periodos: «A nossa ideia é, como se vê, aproveitar tudo quanto possa deixar o mais pequeno traço, não só do nosso progresso, mas tudo que possa historiar-se nos nossos usos e costumes.

Devemos manifestar aqui o interesse especial que tomamos pela arte popular *em todas as suas manifestações e detalhes*. O meio açoriano possui evidentemente condições particulares: nos poucos homens que mais poderosamente tem renovado a mentalidade portugueza, contam-se alguns açorianos. O maior grau d'esta particularidade reside incontestavelmente no povo—mais

directamente em relação com as condições naturaes, menos facilmente desviado na sua evolução pela influencia de meios estranhos. O estudo dos seus contos e cantigas, da sua economia domestica, *da arte do seu vestuario e dos seus enfeites*, teem pois um papel na historia que não pode ser substituído....»

Entre os objectos expostos encontravam-se productos da industria dos camponezes michaelenses, e a representação pelo volume dos *Cantos* do Dr. Th. Braga, da producção esthetica açoriana.

Compreenderam os organisadores da exposição michaelense o valor d'aquellas *pequenas cousas*, que significam muito, e comquanto um folklorista não encontrasse nas salas do certamen os elementos necessarios para estudar o povo açoriano, alguma coisa acharia para o guiar n'esse trabalho. Porem, como muito bem diz o snr. Leite de Vasconcellos, a ethnographia estuda-se com digressões pelas aldeias e pelos campos.

E' o que eu lembro aos promotores da *expedição scientifica aos Açores*, que seria de immenso valor que se fizesse; aproveitar a occasião que se offerece para deixar de vez accentuado o valor ethnographico do archipelago, valor supino por lá se acharem conservadas fielmente as antigas tradições portuguezas, como já disse o Dr. Th. Braga.

Lisboa, 27 de agosto de 1887.

ARMANDO DA SILVA,